

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

VITÓRIA RIBEIRO LEAL

“INTRODUCING INTERPRETING STUDIES”:
Tradução comentada de um texto acadêmico

PORTO ALEGRE

2024

VITÓRIA RIBEIRO LEAL

**“INTRODUCING INTERPRETING STUDIES”:
Tradução comentada de um texto acadêmico**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras – Tradutor Português e Inglês.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Márcia Moura da Silva.

PORTO ALEGRE

2024

VITÓRIA RIBEIRO LEAL

“INTRODUCING INTERPRETING STUDIES”:

Tradução comentada de um texto acadêmico

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras – Tradutor Português e Inglês.

Porto Alegre, 16 de agosto de 2024.

Resultado: Aprovado.

BANCA EXAMINADORA:

Márcia Moura da Silva (Orientadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Patrícia Chittoni Ramos Reuillard
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Guilherme da Silva Braga
Instituto Federal de Canoas – Rio Grande do Sul.

VITÓRIA RIBEIRO LEAL

AGRADECIMENTOS

Gostaria de fazer um agradecimento especial a minha família, que sempre esteve comigo durante todo o processo de graduação até a minha formação. Sinto orgulho em fazer parte da primeira geração da minha família a completar o ensino superior, e essa formatura é em homenagem a eles também.

Obrigada, mãe e pai, por sempre me incentivarem nos estudos e ensinar a mim e a todos meus irmãos a importância de estudar. Mas, o mais importante, a importância de realizar nossos sonhos e lutar pelo que achamos que é certo. Obrigada, meus irmãos, por sempre serem meus protetores. Obrigada, avós, por criarem pessoas com tanto amor e princípios tão fortes que estão vivos até hoje e, que, com certeza, passarei adiante para meus filhos.

Obrigada, Eduardo, por sempre me incentivar e estar ao meu lado durante esses três anos juntos. Espero realizar muitos outros sonhos ao teu lado.

Por último, mas não menos importante, obrigada Profa. Márcia pelas ideias, conselhos e palavras de apoio. É imprescindível receber conselhos (pessoais e acadêmicos) de uma pessoa que, para ti, é exemplo de profissional e pessoa. Obrigada por fazer parte desta etapa importante na minha vida.

Nós não somos escravos das palavras pois somos os donos dos textos. (WEINRICH, 2000, p. 24)

RESUMO

Neste trabalho de conclusão de curso será proposta uma tradução comentada do capítulo *Concepts*, mais especificamente da subseção *Interpreting as Translation*, do livro de Franz Pöchhacker, *Introducing Interpreting Studies*, que não tem tradução para o português. Com base sobretudo nos trabalhos de Torres (2017), Chesterman (1997) e Zavaglia et. al (2015), uma breve reflexão será apresentada sobre as áreas da interpretação e da tradução, da tradução comentada e de estratégias de tradução. Em relação à prática da tradução, como diz Pym (2017), o conhecimento de teorias e/ou abordagens que lidam com a tradução pode não tornar o tradutor um profissional melhor, mas ele é um importante elemento de reflexão, sobretudo na tradução comentada, pois auxilia o tradutor a melhor explicar suas escolhas. Assim, buscou-se criar uma tradução mais próxima às convencionalidades de um texto acadêmico na cultura alvo, explicando algumas das minhas escolhas com base em conceitos dos Estudos da Tradução. Com este trabalho espera-se que alunos, pesquisadores e profissionais da área percebam a complexidade do processo tradutório, visto que o tradutor precisa, não só ter conhecimento das línguas e das culturas envolvidas, mas também fazer muita pesquisa para resolver problemas de tradução de uma maneira adequada.

Palavras-chave: Estudos da Tradução; Estudos da Interpretação, Tradução comentada; Estratégias de tradução.

ABSTRACT

This research paper aims to create an annotated translation of the chapter called *Concepts*, more specifically about its subsection called Interpreting as Translation, of the book *Introducing Interpreting Studies* by Franz Pöchhacker. The book hasn't been translated into Portuguese yet. A reflection is proposed according to works by authors such as Torres (2017), Chesterman (1997) and Zavaglia et. al. (2015) on Translation Studies and Interpreting Studies, as well as annotated translation and translation strategies. Regarding translation practice, Pym (2017) agrees that knowing about theories and/or approaches that involve translation might not turn the translator into a better professional, but it is an essential element for reflection, mainly in the annotated translation, which can help the translator to explain his/her choices better. Thus, I sought to create a translation closer to the target culture conventions of academic writing, explaining some of my choices based on concepts discussed within Translation Studies. As of this work, it is expected that students, researchers and translators can perceive the complexity of the translation process, as the translator needs not only to know the language and culture involved but also know how to research to solve translation problems adequately.

Keywords: Translation Studies; Interpreting Studies; Annotated Translation; Translation Strategies.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS.....	11
1.1 TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO.....	11
1.2 TRADUÇÃO COMENTADA.....	14
1.3 ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO.....	15
1.4 METODOLOGIA.....	21
2 ANÁLISE.....	22
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	34

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, o livro *Introducing Interpreting Studies* (Introduzindo os Estudos da Interpretação, tradução minha), de Franz Pöchhacker, é abordado como objeto de estudo. A escolha desse livro se deu pela importância da Interpretação como área acadêmico-profissional, mas ainda pouco explorada no contexto acadêmico em geral e nos Estudos da Tradução (ET). Na área, destaco os trabalhos desenvolvidos na UFRGS, Cavallo (2019), que propõe um modelo de competência do intérprete de conferências, Cavallo e Reuillard (2016), que discutem o cenário atual da pesquisa em interpretação no Brasil, e Tórgo (2021), que também propõe uma tradução comentada do mesmo livro utilizado neste trabalho, porém de um outro capítulo. Como diz a autora, o livro faz parte do cânone da interpretação, logo, traduzi-lo fortalece a pesquisa na área de interpretação, assim como na área de tradução.

Franz Pöchhacker é professor de Estudos da Interpretação no Centro de Estudos da Tradução, na Universidade de Viena. Ele é formado em Interpretação de Conferências e, além do livro usado nesse trabalho, é coeditor do livro *Interpreting. International Journal of Research and Practice in Interpreting*, da John Benjamins, e editor da enciclopédia *Routledge Encyclopedia of Interpreting Studies* (Routledge, 2015). Além da área de Interpretação, o autor se interessa pelas abordagens funcionalistas de tradução e por métodos de pesquisa em ciências sociais aplicados em pesquisas e experimentos (KU Leuven, 2024).

O livro cobre os variados tipos de Interpretação, desde conferências internacionais até contextos comunitários, nas modalidades oral e de sinais; e a evolução da área de Interpretação; apresenta os campos de pesquisa e, por fim, as tendências atuais e futuras da área. A obra traz uma visão prática acerca desta modalidade e, ao mesmo tempo, serve como base para a criação de um conceito “unitário” mas também “diversificado” (*unity in diversity*, p. 74). O autor traz esse conceito para representar a unicidade da Interpretação, ou seja, seu *status* como área específica, mas que, ainda assim, demonstra o seu caráter complementar dentro da área dos ET. Portanto, o autor defende que abordagens variadas levam à disciplina unificada dos Estudos da Interpretação (EI).

No campo técnico-científico, Azenha (1996) aponta a inadequação da comparação criada entre esses textos e o texto literário, pois os primeiros não seriam apenas traduzidos com base em seu plano lexical-terminológico. Para o autor, a língua é instável, logo até mesmo os textos não literários traduzidos não podem ser imunes aos efeitos do tempo e do espaço. Nesse sentido, algumas das escolhas tradutórias aqui apresentadas refletem essa instabilidade terminológica que também existe no texto acadêmico. O objetivo deste trabalho é propor uma tradução da seção 1.2, intitulada *Interpreting Defined* (Definindo a Interpretação, tradução

minha), que faz parte do capítulo 1, intitulado *Concepts* (Conceitos, tradução minha) do livro, e comentar as escolhas tradutórias.

Além desta introdução, o trabalho está organizado em quatro partes: I) “tradução e interpretação”, na qual é feita uma discussão acerca das peculiaridades de cada uma das áreas e como elas se complementam; II) “tradução comentada”, onde é feita uma breve descrição desse gênero acadêmico; III) “estratégias de tradução”, apoiadas nos trabalhos de Pym (2017), e Chesterman (1997); e IV) a análise da tradução aqui proposta.

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

1.1 TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO

A interpretação, tema da tradução comentada neste trabalho, é uma área profissional e acadêmica, porém é autônoma dentro dos Estudos da Tradução (ET). Os Estudos da Interpretação (EI) surgiram na Europa, na década de 1990. Pöchhacker (2004) diz que Daniel Gile foi o primeiro a usar o termo *Interpretation Studies* em um congresso realizado em 1992, na Universidade de Viena. Logo depois, em 1993, Salevsky o retoma no seu artigo *The Distinctive Nature of Interpreting Studies*. A autonomia da área levou à crescente realização de trabalhos acadêmicos sobre o assunto, e, com isso, houve um maior interesse pelos EI

Segundo Gile (1995), há três tipos de interpretação: i) interpretação de conferências, ii) interpretação comunitária, iii) interpretação forense e iv) interpretação de acompanhamento. A interpretação de conferências corresponde “à substituição de um discurso de alto nível formal e conceitual em língua de partida por um discurso em língua de chegada que o restitui em sua integralidade no mesmo alto nível” (tradução de Patrizia Cavallo e Patrícia Reuillard (2016). A interpretação comunitária refere-se àquela realizada em contextos médico-hospitalares e sócio-educacionais. A interpretação judicial ocorre principalmente em tribunais e delegacias de polícia. Por fim, a interpretação de acompanhamento é fornecida em reunião de negócios, assim como acompanhamentos em fábricas, indústrias etc. Além dos tipos, há diferentes modalidades de interpretação, quais sejam: – i) simultânea, ii) consecutiva e iii) sussurrada.

As duas primeiras são as mais conhecidas quando falamos de eventos profissionais ou acadêmicos. Na simultânea, o intérprete começa a interpretar segundos depois que o interpretado começa sua fala, e, na consecutiva, ele traduz trechos maiores da fala e, normalmente, faz uso de anotação. A interpretação sussurrada representa uma interpretação simultânea feita em voz baixa para uma ou duas pessoas que não compreendem a língua do palestrante. A interpretação remota também é uma modalidade, onde o intérprete recebe a imagem e a voz do palestrante através da tela durante uma videoconferência. Essa modalidade ganhou espaço durante a pandemia e permaneceu como uma modalidade de interpretação/tradução. Por fim, o *oversound* representa a transmissão da tradução do intérprete feita por alto-falantes na sala – modalidade usada quando o número de participantes do congresso excede o número de fones de ouvido disponíveis.

Todas as modalidades mencionadas acima são subclasses ou formas híbridas das modalidades simultânea e consecutiva.

Há várias diferenças entre tradução e interpretação. Algumas delas são: i) a interpretação trata da tradução oral, enquanto a tradução trata da tradução escrita; ii) o ambiente de trabalho e o contexto interacional de prática da interpretação é sempre algum evento (científico ou acadêmico), encontro (políticos e de negócios) etc, podendo ser em formatos monológico (ex.: palestras) e dialógico (ex.: entrevistas), ou, ainda, uma interação entre um médico e seu paciente; já a tradução tem como ambiente a casa do tradutor ou escritório, onde for melhor para o tradutor, principalmente se for autônomo; iii) as cargas cognitivas que cada atividade requer também são diferentes, assim como suas condições de estresse e prazos.

Em seu *Manifesto dos intérpretes do Brasil – Carta de Brasília*, Ewandro Magalhães Jr. inicia o texto com “A interpretação (tradução) simultânea é um ofício relativamente novo, surgido no pós-guerra e ainda carente, na maioria dos países, de regulamentação e balizamento profissional e ético [...]” (Magalhães, p. 1), sendo que, segundo o autor, o termo “tradução” entre parênteses representa a igualdade de sentido entre os termos tradução e interpretação.

Acerca da profissão de intérprete, o autor aponta que:

No caso da interpretação, há uma sutileza a mais. Como aprendem logo cedo os intérpretes, os sinônimos na verdade não existem. Toda palavra, ainda que listada em dicionário como sinonímia perfeita para outra, de outro vernáculo, carrega consigo uma carga emocional, um sentimento, que varia de país para país, de cultura para cultura. Varia também conforme o conjunto de valores do próprio intérprete. Portanto, há sempre alguma diferença de tensão a compensar, e melhor seria classificar o intérprete não apenas como transformador, mas como um bom estabilizador de voltagem. (Magalhães Jr., 2007, p. 53-54)

Quanto à tradução, o autor diz que “traduzir é transfigurar sentidos” (Magalhães Jr., 2007, p. 6). Logo, o tradutor está sujeito a realizar uma mediação transcultural, em outras palavras, uma transposição de sentidos. Assim, o tradutor faz com que o autor do texto de partida interaja com interlocutores do texto alvo (TA) – a quem ele não pode direcionar-se em sua língua materna.

Além disso, Sobral (2019) discute um outro tema importante, que é o discurso como objeto do tradutor. O tradutor considera a correspondência¹ entre os modos de expressão das duas línguas, além do sentido das palavras e frases. Assim, o tradutor traduz discursos. Na visão do autor, a tradução reconhece o produto original como o principal parâmetro para a tradução, mas também reconhece que é necessário efetuar mudanças para identificá-lo. A tradução como atividade transcultural cria a interação dada no discurso alvo e une as interações do discurso fonte e alvo, o que ajuda a ampliar o campo de interlocução iniciada pelo produto/discurso

¹ O autor propõe o termo “correspondência” em contrapartida ao termo “equivalência”, sendo que, o objetivo da correspondência é transmitir um sentido similar do TF ao TA.

original.

Para o autor, “traduzir é um dilema, um problema, mas um dilema e um problema fascinantes, porque é preciso descobrir o “justo meio”” (Sobral, 2019, p. 8). O tradutor tem que manter o diferente, que é o discurso na língua fonte e, ao mesmo tempo, não impor o discurso fonte no discurso alvo, o qual é criado pela tradução. O tradutor lida com o “estranho”, relacionado à “alteridade irreduzível”, e com o “semelhante”, relacionado à intersubjetividade, e, assim, cria sentidos numa língua na qual o texto fonte (TF) não está inserido.

Por isso, a decisão do tradutor e intérprete tem grande peso. Ainda sobre a prática profissional do intérprete, Magalhães diz

A responsabilidade envolvida em um serviço de tradução é muito grande. O intérprete é um pequeno, mas importante elo na cadeia da comunicação. Não é indispensável, como gostaríamos de crer, mas certamente importante. Por seu intermédio, canalizam-se informações cruciais, cujo entendimento é determinante no curso de acontecimentos que podem literalmente mudar a história. Mas a história consiste exatamente no conjunto dessas mudanças. E seremos sempre partícipes e agentes dela. Isso, naturalmente, implica risco. Um risco do qual é impossível fugir. Em nossa função de intérpretes, somos obrigados a tomar decisões a todo momento, instantaneamente. Somos potencialmente imputáveis pela escolha de cada vocábulo ao microfone. E a possibilidade de fracasso, de erro, de um desliz, é em muito aumentada na presença de uma ansiedade descontrolada. Portanto, os esforços para controlar a ansiedade, dessensibilizar-nos em relação ao medo, na busca de uma perspectiva mais humana para o papel que desempenhamos, devem receber a mais alta prioridade nas estratégias de capacitação, uma vez que condicionam uma taxa muito maior de rendimento. (Magalhães, 2007, p. 67-68).

Com isso, temos como um grande aliado do intérprete a sua inteligência emocional, principalmente o controle da ansiedade e nervosismo ao lidar com novos discursos e novos desafios. Podemos perceber a importância do trabalho de interpretação e a sua função determinante na comunicação entre duas ou mais culturas/pessoas etc. A língua, em si, disponibiliza os instrumentos para a percepção e a interpretação da realidade, enquanto o intérprete determina o que fazer com eles e quais decisões tomar acerca dos objetivos do discurso e de sua percepção pessoal sobre o enunciado.

Podemos concluir que, além do conhecimento teórico acerca da Interpretação, o intérprete também precisa aprender a lidar com suas emoções e seus pensamentos, assim como adquirir cada vez mais conhecimento acerca das línguas de trabalho e de suas respectivas culturas.

1.2 TRADUÇÃO COMENTADA

Segundo Williams & Chesterman (2002),

a tradução comentada (ou tradução anotada) é um formato de pesquisa introspectiva e retrospectiva, na qual o pesquisador traduz o texto e, ao mesmo tempo, escreve um comentário sobre seu próprio processo tradutório. O comentário pode incluir discussão sobre a tarefa tradutória, análise de alguns aspectos do texto fonte, e uma justificativa bem fundamentada acerca dos tipos de soluções encontradas para determinados problemas de tradução (Williams e Chesterman, 2002, p. 7, tradução minha).²

Como apontam Williams e Chesterman (2002), tais pesquisas enriquecem o contexto da autoconsciência para uma melhor qualidade da tradução.

Zavaglia *et al.* dizem que tradução e comentário nem sempre se dissociam na justificação de uma tradução comentada, uma vez que os comentários influenciam a tradução, e a tradução, por sua vez, influencia o resultado final da pesquisa. As autoras chamam a atenção para o papel da tradução comentada no contexto acadêmico em particular:

Talvez uma das propriedades da tradução comentada em contexto acadêmico resida no registro do percurso tradutório do estudante, que deixa transparecer, por seus comentários de tipos diversos, suas dúvidas, suas escolhas iniciais, suas escolhas finais, seus embasamentos teóricos para os gestos cognitivos ou intuitivos, as justificativas das estratégias tomadas e os procedimentos fundamentais que colaboraram para a sua realização. (Zavaglia *et al.*, 2015, p. 349).

Além disso, para Zavaglia *et al.*, esse gênero textual apresenta as seguintes características:

i) representação de escolhas, de procedimentos e de embasamentos teóricos trazidos do percurso acadêmico do estudante; ii) apresentação do contexto da obra e do autor, além de justificar sua importância (função), fundamentar seus procedimentos tradutórios e comentar acerca de suas estratégias de tradução; iii) função pedagógica, onde o tradutor é autocrítico, já que questiona suas próprias decisões e analisa as dificuldades de interpretação da obra traduzida, sejam elas referentes à gramática, à pragmática, aos aspectos sócio-históricos etc.

Por fim, as autoras destacam possíveis hipóteses, como a de que existem diferentes tipos de comentários nesse gênero, quais sejam: i) contextuais, que dizem respeito ao autor e à obra em tradução; ii) tradutórios, que se referem ao texto traduzido e aos apontamentos feitos pelo tradutor e iii) críticos, que se referem à fundamentação teórica e às análises feitas sobre a tradução e os apontamentos.

² No original: *A translation with commentary (or annotated translation) is a form of introspective and retrospective research where you yourself translate a text and, at the same time, write a commentary on your own translation process. This commentary will include some discussion of the translation assignment, an analysis of aspects of the source text, and a reasoned justification of the kinds of solutions you arrived at for particular kinds of translation problems.*

Segundo Torres (2017), o comentário é anterior à tradução, já que, durante a tradução, o tradutor comenta explícita e implicitamente, mas a interpretação é feita antes do processo tradutório. Pelo fato de os dois gêneros – tradução e comentário – serem feitos após o texto fonte, eles têm a relação com a interpretação em comum, ou seja, com a leitura. Assim, a autora destaca a relação intrínseca entre leitura, tradução e comentário.

Essa relação entre comentário e escrita define o status crítico do comentário, uma vez que há mais de uma leitura possível para todo texto, logo, há mais de um comentário possível para todo texto. Assim, a autora destaca que tanto a tradução quanto o comentário são críticos.

Por fim, Torres define i) o caráter autoral da tradução comentada/do comentário: o autor da tradução e do comentário é o mesmo; ii) o caráter metatextual: a tradução comentada está presente no comentário, ou seja, é objeto deste; iii) o caráter discursivo-crítico: a tradução comentada possui o objetivo de mostrar o processo tradutório a fim de compreender as escolhas e estratégias tradutórias feitas pelo tradutor, e analisar os efeitos ideológicos, políticos etc. de tais decisões; iv) o caráter descritivo: todo comentário reflete sobre tendências tradutórias e efeitos ideológico-políticos das escolhas tradutórias, já que parte de uma tradução existente; v) o caráter histórico-crítico: todo comentário teoriza acerca de uma prática tradutória, o que alimenta a história da tradução e a história da crítica de tradução.

De acordo com Nord (2001), as dificuldades encontradas durante o percurso tradutório pelo tradutor, seja por sua deficiência linguística, cultural ou tradutória, não são problemas de tradução. Os problemas de tradução, por outro lado, estão relacionados aos termos culturalmente marcados, como por exemplo as expressões idiomáticas, os provérbios, as metáforas etc.

Tais autores explicam e exemplificam o gênero acadêmico que ganha cada vez mais espaço nas universidades, e, assim, nos ajuda a refletir e analisar os textos originais e as traduções com mais embasamento.

1.3 ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO

Estratégias se referem às escolhas feitas por tradutores durante o processo tradutório. Como diz Pym (2017), “Os tradutores teorizam o tempo todo [...]” (p. 17), e, ao encontrar problemas de tradução, lidam com estratégias para solucionar tais problemas. O tradutor lida com muitas questões durante o processo tradutório, e isso deve ser resolvido com base no contexto, objetivo e público-leitor adequados. Segundo o autor, a formulação, que se refere à geração de escolhas possíveis, e a seleção de uma escolha definitiva são realizadas a todo

instante pelo tradutor, e de forma imediata.

No caso de embates sobre a escolha mais adequada para algum termo, principalmente entre vários tradutores, a teorização privada se torna pública, ou seja, a teorização prática se transforma em teorias explícitas; e as estratégias seriam as representações de posições teóricas diferentes.

Para Jääskeläinen, estratégias “são um grupo – formulado de forma vaga – de regras ou princípios que o tradutor usa para alcançar, da forma mais efetiva possível, metas determinadas pelo contexto da tradução”³ (*apud* Chesterman, 1993, p. 90, tradução minha). O autor define estratégia como sendo pertencente à tarefa de traduzir como um todo (e.g. teoria de *skopos*).

Assim como ele, Hönig e Kussmaul (1982) abordam estratégias como decisões de nível superior feitas pelo tradutor e que, por sua vez, consideram uma orientação voltada ao leitor e também questões de “como e o que traduzir para transmitir toda informação original considerada válida a fim de alcançar a função do texto e as necessidades do leitor”⁴ (*apud* Chesterman, p. 90, tradução minha).

Um dos princípios básicos das estratégias de tradução é a mutabilidade, ou seja, não são fixas, mas sim sujeitas à adaptação (Chesterman, 1997). Para Chesterman (1997), as estratégias de comunicação, divididas em estratégias de redução (e.g. *topic avoidance*⁵) e estratégias de consecução (e.g. paráfrase); e estratégias de aprendizagem de línguas, divididas em estratégia metacognitiva, cognitiva e social (e.g. automonitoramento) são importantes para a teoria de tradução. Um exemplo da estratégia de adaptação seriam expressões idiomáticas (*i.e. when pigs fly* > nem que a vaca tussa), onde, segundo Vinay e Darbelnet (2000), “é usada em casos em que o tipo de situação ao qual se refere a mensagem em LF é desconhecida na cultura da LA” (p. 164-165 *apud* Amorim, 2013).

Alguns critérios das estratégias são: tratam de um processo comportamental e, mais especificamente, linguístico-comportamental; têm o objetivo/texto alvo como foco principal (*goal-oriented*); e são centradas na resolução de problemas (*problem-centred*).

Chesterman (1997) afirma que não há significados sem contextos específicos, ou seja, desaprova a visão tradicional de significado como sendo algo objetivo e estável. Assim, os significados apresentam mutações e são relativos. Essa visão apresenta o caráter funcional e

³ No original, *They are a set of (loosely formulated) rules or principles which a translator uses to reach the goals determined by the translating situation in the most effective way.*

⁴ No original, *How and what the translator translates, in the attempt to convey as much of the original information as is relevant to the function of the text and to the needs of the reader.*

⁵ Comportamento com foco no objetivo que, de forma proposital, não aborda um certo tópico durante uma conversa (*IGI Global* – tradução minha).

descritivo do texto de partida, o que motiva o desenvolvimento e a reflexão acerca de estratégias, justamente para lidar com a instabilidade do texto.

Segundo ele, estratégia de tradução “é um processo que oferece uma solução para um problema de tradução através de manipulação textual explícita.” (p. 92). O autor também classifica as estratégias como globais e locais. As estratégias globais referem-se ao problema acerca de “como traduzir esse texto, ou esse tipo de texto”. Alguns exemplos dados pelo autor são: a decisão inicial do tradutor sobre a relação entre o texto fonte e o texto alvo; o quão livre ele será para traduzir; quais tipos de relação intertextual poderiam ser priorizados etc. Em contrapartida, as estratégias locais referem-se ao problema acerca de “como traduzir essa estrutura/ideia”.

Outra característica das estratégias seria seu *status* consciente. Lörscher define a estratégia de tradução como sendo “um procedimento potencialmente consciente para achar uma solução para o problema que o tradutor enfrenta ao traduzir um segmento textual de uma língua para outra” (Lörscher, 1991, *apud* Chesterman, 1997, p. 76). Ainda segundo esse autor, para serem aprovadas como ferramentas conceituais, as estratégias seriam primeiramente testadas e comprovadas.

Ademais, o *status* consciente da estratégia usada pelo tradutor pode ser verídico ou não, e o autor revela que isso dependeria, entre outros aspectos, do nível de profissionalismo do tradutor.

Jääskeläinen também destaca a “formulação vaga” das definições das estratégias tradutórias, ou seja, elas não são sempre definidas de forma explícita. Isso se dá, segundo o autor, ao seu caráter intersubjetivo. Seu modo de formulação, que costuma ser em ambientes informais, faz com que elas sejam aprendidas facilmente e, assim, usadas variavelmente.

Chesterman (1997) apresenta um modelo de estratégias de tradução em que as estratégias locais se dividem em: estratégias sintáticas, semânticas e pragmáticas, conforme classificações apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1: Estratégias de Tradução

Estratégias Sintáticas	
G1: Tradução Literal	O mais próximo possível da estrutura gramatical do texto de origem.
G2: Empréstimo, Calque	Escolha deliberada e consciente.
G3: Transposição	Qualquer mudança de classe de palavra, de substantivo para verbo; de adjetivo para advérbio.
G4: Deslocamento de Unidade	Uma unidade do texto de origem (morfema, palavra, frase, oração, sentença, parágrafo) traduzida como uma unidade diferente no texto de chegada.
G5: Mudança Estrutural da Frase	Uma série de mudanças no nível da frase, incluindo número, exatidão e modificação na oração substantiva, pessoa, tempo e modo verbal.
G6: Mudança Estrutural da Oração	Mudanças na estrutura da oração em si tratando de suas frases constituintes.
G7: Mudança Estrutural de Período	Relacionada à estrutura da unidade da sentença.
G8: Mudança de Coesão	Relacionada à referência intratextual, elipse, substituição, pronominalização e repetição; ou o uso de conectores de vários tipos.
G9: Deslocamento de Nível	O modo de expressão de um determinado item muda de um nível (fonológico, morfológico, sintático e lexical) para outro.
G10: Mudança de Esquema	Tipos de mudanças que tradutores incorporam na tradução de esquemas retóricos, tais como paralelismo, repetição, aliteração, ritmo, métrica, etc.
Estratégias Semânticas	
S1: Sinonímia	Seleciona não o equivalente óbvio, mas um sinônimo ou um termo 'quase-sinônimo'.
S2: Antonímia	O tradutor seleciona um antônimo e combina com um elemento de negação.
S3: Hiponímia	Mudanças na relação hiponímica.
S4: Conversão	Pares de estruturas (geralmente) verbais que expressam a mesma ideia, mas de pontos de vista opostos, tal como 'comprar' e 'vender'.

S5: Mudança de Abstração	Uma seleção de nível de abstração diferente, podendo variar de abstrato para mais concreto ou de concreto para mais abstrato.
S6: Mudança de Distribuição	Mudança na distribuição dos ‘mesmos’ componentes semânticos para mais itens (expansão) ou menos itens (compressão).
S7: Mudança de Ênfase	Acrescenta reduz ou altera ênfase ou foco temático, por uma razão qualquer.
S8: Paráfrase	Resulta em uma versão do texto de chegada que pode ser descrita como distante do texto de origem; em alguns casos até sem tradução. Componentes semânticos no nível do lexema tendem a ser ignorados, favorecendo a idéia pragmática de alguma outra unidade, como por exemplo, uma oração inteira.
S9: Mudança de Tropos	Tradução de tropos retóricos (ex. expressões figurativas).
S10: Outras Mudanças Semânticas	Incluindo outras modulações de vários tipos, tais como a mudança de sentido (físico) ou direção dêitica.
Estratégias Pragmáticas	
Pr1: Filtro Cultural	“tratada também como naturalização, domesticação ou adaptação.”
Pr2: Mudança de Explicitação	“mais direcionada à informação explícita, ou mais direcionada à informação implícita.”
Pr3: Mudança de Informação	“adição de nova informação considerada relevante ao texto de chegada, mas que não está presente no texto original; ou a omissão de informações presentes no texto original consideradas irrelevantes.”
Pr4: Mudança Interpessoal	“altera o nível de formalidade, o grau de emotividade e envolvimento, o nível de léxico técnico e assim por diante: o que quer que envolva mudança na relação entre texto/autor e o leitor.”
Pr5: Mudança de Elocução	“ligada a outras estratégias: Mudança do modo verbal do indicativo para o imperativo, mudança de afirmação para pedido.”
Pr6: Mudança de Coerência	“organização lógica da informação no texto, no nível ideacional.”
Pr7: Tradução Parcial	“qualquer tipo de tradução parcial, tais como tradução resumida, transcrição, tradução apenas de sons e assim por diante.”
Pr8: Mudança de Visibilidade	“mudança na presença de autoria; ou a inclusão evidente ou em primeiro plano da presença tradutória. Por exemplo, notas de rodapé do tradutor, comentários entre chaves; ou comentários adicionais explícitos.”
Pr9: Reedição	“a reedição às vezes radical que tradutores precisam fazer com relação a textos originais mal escritos.”
Pr10: Outras Mudanças Pragmáticas	Mudanças no <i>layout</i> do texto, por exemplo; ou na escolha dialetal.

Fonte: Baseado em Chesterman (1997, p. 94-112).

Seguem exemplos de algumas estratégias (Chesterman, 2022, p.136-161⁶):

G1: Tradução literal

TF: Beleza em cheque

TA: Beauty in check

⁶ Exemplos em português foram adicionados pelas tradutoras do livro de Chesterman; os grifos são seus.

Empréstimo

TF: Check-in area

TA: área de check-in

Transposição

TF: Orlando tem *mesmo* um encanto... [advérbio]

TA: Orlando has a *certain* charm... [adjetivo]

Deslocamento de unidade

TF: O *barato* do livro [...]

TA: The *cool thing* about the book [...]

Mudança estrutural da frase

TF: A obra *foi escrita* entre seus 19 e 20 anos.

TA: The work *was written* when *he was* 19 and 20.

Mudança estrutural da oração

TF: Amsterdã Blues e Dor Fantasma *saíram* pela Editora Globo.

TA: Blue Mondays and Phantom Pain *were published* by Editora Globo.

Mudança estrutural do período

TF: É possível transferir milhas de qualquer cartão de crédito para sua conta.

TA: *You can* transfer miles from any credit card to your account.

Mudança na coesão

TF: A estreia nacional será na capital paulista.

TA: *The Brazilian leg of the tour* will get under way in São Paulo.

Deslocamento de nível

TF: *Que orgulho* das minhas raízes!

TA: *I'm so proud* of my roots!

Sinonímia

TF: Você já pode comprar *bilhetes* em nosso website.

TA: You can already purchase *airfare* on our website.

Antonímia

TF: *Pouco* me lembro do que vi naquela viagem.

TA: I don't remember *too much* about what I saw on that trip.

Hiponímia

TF: [...] a maior e mais abrangente do *País*.

TA: [...] the largest and the most comprehensive in *Brazil*.

Conversão

TF: Ao final do processo, o cliente *recebe* um SMS com o link para o acesso ao cartão de embarque.

TA: At the end of the process, and SMS will be *sent* to you with the link for access to the boarding pass.

Mudança de abstração

TF: [...] para as mais diversas localidades em todo o *mundo*.

TA: [...] to a wide array of destinations around the *globe*.

Mudança de distribuição

TF: Freelancer e artista visual.

TA: A freelancer *photographer* and visual artist.

Mudança de ênfase

TF: Da carência de obras holandesas nas livrarias mundo afora.

TA: From the *general* scarcity of Dutch works in bookstores around the world.

Paráfrase

TF: [...] e tem de voltar à *Terra*.

TA: [...] and must return to the *world of living*.

Mudança de tropo

TF: *Navega* entre as linguagens da cinematografia e do contraste da luz.

TA: He *navigates* between the languages of cinematography and the contrast of light.

Outras mudanças semânticas

TF: [...] quer ficar velhinha *vasculhando* as cozinhas alheias.

TA: [...] she wants to grow old *tasting* other people's cooking.

Filtro Cultural

TF: Dobradinha Brasileira.

TA: Brazilian action duo.

Mudança de explicitação

TF: Com *isso*, as operações de ambas serão compartilhadas.

TA: With this *new deal*, the operations of both airlines will be shared.

Mudança de informação

TF: Depois de participar de um concurso no Domingão do Faustão.

TA: After participating in a contest on the *Sunday afternoon variety show* Domingão do Faustão.

Mudança interpessoal

TF: Os clientes poderão *juntar* pontos para o TudoAzul voando de United, assim como clientes MileagePlus poderão somar pontos ao viajar de Azul.

TA: Customers can *accumulate* points on TudoAzul by flying United, and MileagePlus customers can earn points when flying Azul.

Mudança ilocucionária

TF: A Holanda *pede* passagem.

TA: *Make way* for the Netherlands.

Usarei essa classificação de estratégias de tradução para explicar minhas escolhas ao traduzir o capítulo do livro de Pöchhacker, juntamente com reflexões sobre o processo tradutório.

1.4 METODOLOGIA

Após escolher o capítulo do livro de Pöchhacker com o qual queria trabalhar, fiz a tradução, fiz anotações e selecionei alguns trechos da tradução para comentar minhas escolhas com base na reflexão teórica que trago aqui, sobretudo na classificação das estratégias feita por Chesterman (1997), com base em outros autores.

A partir dos comentários, selecionei os pontos principais e, com auxílio do embasamento teórico aqui discutido, expliquei as estratégias e o que me motivou a fazer tais escolhas tradutórias.

O livro utilizado neste trabalho não encontra-se em domínio público, então, serão usados apenas alguns excertos, que serão apresentados em quadros com o TF na coluna da esquerda e o TA, na da direita. Selecionei sobretudo excertos que mostraram alguns problemas tradutórios,

assim como aqueles que deram origem a comentários mais críticos de minha parte.

Como o texto se insere no gênero acadêmico, no geral, busquei usar estratégias que me permitiram criar um texto que seguisse as convenções do texto acadêmico em língua portuguesa. Os termos selecionados para análise foram majoritariamente pesquisados em dicionários como Linguee⁷ e Cambridge Dictionary⁸. Além disso, a pesquisa por expressões e termos técnicos foi feita em artigos sobre a área, como no caso de “dissenso teórico”, que aparece em Trevisan (2018).

É importante mencionar que o tradutor não conhece todos os termos das línguas trabalhadas nem tem um conhecimento cultural tão amplo que não precise pesquisar por termos e expressões. Assim, quando me deparei com trechos que se mostraram mais desafiadores, fiz uso do que pesquisadores do grupo PACTE denominam “subcompetência instrumental”, ou seja, a capacidade de buscar respostas em diferentes fontes⁹.

2 ANÁLISE

Como já mencionado, este trabalho tem por objeto uma tradução inédita de um dos capítulos do texto de Pöchhacker. Minha proposta tem por base o conhecimento adquirido ao longo do curso nas cadeiras de prática de tradução e na disciplina de Estudos de Tradução.

Vale ressaltar que a teoria abordada ao longo do curso é um elemento essencial para nossa formação e é o que nos impulsiona a questionarmos nossas escolhas, que são de nossa inteira responsabilidade enquanto tradutores. Com isso, a análise proposta aqui é desenvolvida através desses conhecimentos e de uma autoanálise que são necessários para o profissional da tradução.

Na seção para a qual se propõe aqui uma tradução, o autor define a interpretação como uma forma de tradução, com a diferença de que ela seria uma produção, na língua alvo, baseada numa frase dita, apenas uma vez, na língua fonte (Pöchhacker, 2016).

Trecho 1:

⁷ <https://www.linguee.com/>

⁸ <https://dictionary.cambridge.org/>

⁹ O grupo PACTE, coordenado por Hurtado-Albir apresenta um modelo de competência tradutória que, além da subcompetência instrumental, inclui: Subcompetência bilíngue (conhecimento das duas línguas); ii) subcompetência extralinguística (conhecimento de mundo, de áreas específicas, das culturas envolvidas e enciclopédico); iii) subcompetência dos conhecimentos sobre tradução e v) subcompetência estratégica (garante a eficiência do processo tradutório) (Silva, 2022, p. 272).

Texto fonte	Tradução
<p>1.2 Interpreting Defined Within the conceptual structure of Translation, interpreting can be distinguished from other types of translational activity most succinctly by its immediacy; in principle, interpreting is performed ‘here and now’ for the benefit of people who want to engage in communication across barriers of language and culture.</p> <p>1.2.1 Kade’s Criteria In contrast to common usage as reflected in most dictionaries, ‘interpreting’ need not necessarily be equated with ‘oral translation’ or, more precisely, with the ‘oral rendering of spoken messages’. Doing so would exclude interpreting in signed (rather than spoken) languages from our purview, and would make it difficult to account for the less typical manifestations of interpreting mentioned further down. Instead, by elaborating on the feature of immediacy, one can distinguish interpreting from other forms of Translation without resorting to the dichotomy of oral vs written. This is what Otto Kade, a self-taught interpreter and translation scholar at the University of Leipzig, did as early as the 1960s. Kade (1968) defined interpreting as a form of Translation in which The source-language text is presented only once and thus cannot be reviewed or replayed, and The target-language text is produced under time pressure, with little chance for correction and revision.</p>	<p>1.2 Definindo a Interpretação Na estrutura conceitual da Tradução, a interpretação pode diferenciar-se através de outros tipos de atividades tradutórias através do seu imediatismo. Em princípio, a interpretação é feita no “aqui e agora” em prol de pessoas que desejam se comunicar além das barreiras linguísticas e culturais.</p> <p>1.2.1 Critérios de Kade Ao contrário do que normalmente se usa e que aparece na maioria dos dicionários, a interpretação não é necessariamente o mesmo que ‘tradução oral’, ou, mais especificamente, a ‘reprodução oral de mensagens faladas’. Quando isso é feito, corre-se o risco de se deixar a interpretação de línguas de sinais de fora, assim como manifestações menos emblemáticas de interpretação, que serão mencionadas mais adiante. Em vez disso, podemos diferenciar a interpretação de outros tipos de tradução com base no elemento de imediatismo, sem precisar levar em conta a dicotomia oral versus escrito. Isso foi o que fez Otto Kade, um intérprete autodidata e estudante de tradução da Universidade de Leipzig, nos anos 1960. Kade (1968) definiu a interpretação como uma forma de tradução, na qual: - o texto fonte é apresentado apenas uma vez e, por isso, não pode ser revisado ou reproduzido; - o texto alvo é produzido sob pressão de tempo, com poucas chances de correção e revisão.</p>

Comentário:

Neste trecho, temos o título, que em tradução literal seria “interpretação definida”. Porém, com o objetivo de tornar o texto mais natural, já que a tradução literal traria uma estrutura não convencional na língua alvo, foi escolhida a forma inversa (“definindo a interpretação”, adicionando um “a”, já que se trata de uma área de estudos/trabalho). Aqui, há

uma mudança interpessoal, pois a tradução altera o grau de formalidade.

Trago outros exemplos desse trecho em que escolhi não usar a estratégia da tradução literal para trazer mais fluidez à tradução. *For the benefit of* foi traduzido por “em prol de”, onde temos uma adaptação. *To engage in communication* foi traduzida por “comunicar” — aqui omiti o verbo *engage* e usei uma transposição ao traduzir *communication*, um substantivo, pelo verbo “comunicar”. Outro exemplo é a tradução *In contrast to common usage as reflected in most dictionaries, ‘interpreting’ need not necessarily be equated with ‘oral translation’ or, more precisely, with the ‘oral rendering of spoken messages’*, que tornou-se “Ao contrário do que normalmente se usa e que aparece na maioria dos dicionários, a interpretação não é necessariamente o mesmo que ‘tradução oral’, ou, mais especificamente, ‘reprodução oral de mensagens’”. As estratégias usadas nesse exemplo foram transposição (*common use* / “se usa”), e mudança estrutural de oração (*as reflected* / “e que aparece”).

Doing so foi traduzida por “quando se faz isso”, em que temos uma mudança estrutural da frase, já que houve modificação na forma verbal.

Trecho 2:

<p>Kade chose to label the semiotic entities involved in Translation as ‘texts’, for which one could substitute expressions like ‘utterances’ (in the broad sense), ‘acts of discourse’, or ‘messages’, subject to an appropriate definition. Whatever the terms, his definition elegantly accommodates interpreting from, into or between signed languages and also accounts for such variants of interpreting as ‘sight translation’, ‘live subtitling’ or even the on-line (written) translation of Internet chats. This vindicates the general characterization of interpreting as an immediate type of translational activity, performed ‘in real time’ for immediate use. A definition relying on Kade’s criteria, foregrounding the immediacy of the interpreter’s text processing rather than real-time communicative use, could thus be formulated as follows:</p> <p>Interpreting is a form of Translation in which a first and final rendition in another language is produced on the basis of a one-time presentation of an utterance in a source language.</p>	<p>Kade escolheu dar o nome de “textos” às entidades semióticas da Tradução, o qual poderia substituir expressões como ‘enunciados’ (no sentido geral), ‘atos discursivos’, ou ‘mensagens’ – sujeitas a uma definição adequada. Quaisquer que sejam os termos, a definição do autor aborda cuidadosamente a interpretação de, para ou entre línguas de sinais e também algumas variantes da interpretação, como “tradução à vista”, “legendagem ao vivo” ou até a tradução on-line (escrita) de bate-papos na internet. Isso justifica a caracterização geral de interpretação como um tipo de atividade tradutória imediata, realizada em “tempo real” para uso imediato. Uma definição com base no critério de Kade – que coloca em primeiro plano o imediatismo do processamento de texto pelo intérprete em vez do uso comunicativo em tempo real – poderia, então, ser formulada da seguinte forma: A Interpretação é uma forma de Tradução na qual se produz uma primeira e única versão em outra língua da fala feita em língua fonte, que também é única.</p>
---	---

Comentário:

Em *his definition*, traduzi por “a definição do autor”, logo, temos uma mudança de explicitação, visto que a tradução explicita o pronome *his*. Além disso, o advérbio *elegantly*, cujo sufixo (-ly) é usado de maneira expressiva em textos da língua inglesa, decidi manter em mente, ainda que em português haja uma tendência em se aprocurar outras alternativas, como “de forma”/”de maneira” + adjetivo.

Em “bate-papos”, poderia ter usado *chats*, já que é bastante usado na cultura alvo, mas preferi usar o correspondente em língua portuguesa e evitar o empréstimo que, ao meu ver, seria desnecessário.

Trecho 3:

<p>The criteria of ephemeral presentation and immediate production go some way toward covering our need for conceptual specification. Making our concept of interpreting hinge on the generic notion of Translation, however, leaves us exposed to the more general uncertainty of how to define that term. While the study of interpreting does not presuppose an account of Translation in all its variants and ramifications, our choice to define interpreting as a form of Translation implies that no interpreting scholar can remain aloof from the underlying conceptual issues. As George Steiner (1975:252) put it, with reference to the German word for ‘interpreter’: “Strictly viewed, the most banal act of interlingual conveyance by a <i>Dolmetscher</i> involves the entire nature and theory of translation.”</p>	<p>Os critérios de apresentação efêmera e produção imediata satisfazem, de alguma forma, a nossa necessidade por uma especificação conceitual. Ao embasar nosso conceito de interpretação na noção geral de Tradução, por outro lado, nos tornamos expostos à incerteza acerca de como definir esse termo. Embora os Estudos da Interpretação não pressuponham a descrição de Tradução em todas as suas variantes e ramificações, a nossa escolha por definir interpretação como uma forma de Tradução implica que nenhum estudioso da área pode permanecer alheio às questões conceituais subjacentes. Como Steiner (1975, p. 252) aponta, referindo-se à palavra alemã para “intérprete”: “A rigor, o ato mais banal de produção interlinguística por um <i>Dolmetscher</i> envolve toda a natureza e teoria da tradução.”</p>
---	--

Comentário:

Na tradução de *go some way toward covering*, optei por “satisfazem, de alguma forma”, uma paráfrase, em que dei prioridade ao sentido pragmático em vez dos componentes semânticos ao nível da palavra.

Hinge on foi traduzido por “embasar”. Ao buscar por definições para o verbo em inglês, encontrei um dos sinônimos como sendo *be based on*¹⁰, logo, a estratégia usada foi a sinonímia.

Trecho 4:

<p>1.2.2 Interpreting as Translation</p> <p>Given the expansive and varied theoretical territory of Translation, as covered in reference works like the Routledge Encyclopedia of Translation Studies (Baker and Saldanha 2009) and the Handbook of Translation Studies (Gambier and van Doorslaer 2014), there is a plethora of approaches on which we might draw to enrich our account of interpreting as a form of Translation. Since different scholars will define and characterize their object of study in accordance with their particular aims, experiences and interests, the basic question regarding the nature of Translation has drawn widely discrepant answers. To illustrate the spectrum of choice, let us take a look at four answers to the question ‘what is Translation?’ and consider their theoretical implications.</p>	<p>1.2.2 Interpretação como Tradução</p> <p>Dado o território variado e em expansão da teoria da Tradução, como vemos nos trabalhos de referência, como o <i>Routledge Encyclopedia of Translation Studies</i> (Baker e Saldanha, 2009) e o <i>Handbook of Translation Studies</i> (Gambier e van Doorslaer, 2014), há uma infinidade de abordagens nas quais podemos nos apoiar para enriquecer a noção de interpretação como uma forma de Tradução. Já que diferentes estudiosos definem e caracterizam seus objetos de estudo de acordo com seus objetivos, seus interesses e suas experiências, a pergunta básica sobre a natureza da Tradução tem gerado respostas bem discrepantes. Para ilustrar essa discrepância, vejamos o quadro abaixo com respostas para a pergunta “O que é Tradução?” e consideremos suas implicações teóricas.</p>
--	--

Comentário:

Em *given the expansive and varied theoretical territory of Translation*, que foi traduzido por “dado o território variado e expansivo da teoria da Tradução”, – temos uma mudança de ênfase, onde *theoretical* modifica *territory* no TF, mas no TC, ele se transforma em substantivo e complementa “tradução”,

Trecho 5:

¹⁰ <https://www.thesaurus.com/browse/hinge-on>

<p>Translation is:</p> <p>a. A process by which a spoken or written utterance takes place in one language which is intended or presumed to convey the same meaning as a previously existing utterance in another language (Rabin 1958);</p> <p>b. The transfer of thoughts and ideas from one language (source) to another (target), whether the languages are in written or oral form... or whether one or both languages are based on signs (Brislin 1976a);</p> <p>c. A situation-related and function-oriented complex series of acts for the production of a target text, intended for addressees in another culture/language, on the basis of a given source text (Salevsky 1993);</p> <p>d. Any utterance which is presented or regarded as a ‘translation’ within a culture, on no matter what grounds (Toury 1995).</p>	<p>Tradução é:</p> <p>a. Um processo no qual um enunciado oral ou escrito é produzido em uma língua, e que tem por objetivo, ou pressuposição, transmitir o mesmo sentido que o enunciado previamente produzido em outra língua. (Rabin, 1958)</p> <p>b. A transferência de pensamentos e ideias de uma língua (fonte) para outra (alvo), independentemente de estarem em formato oral ou escrito... ou se uma ou ambas são baseadas em sinais. (Brislin, 1976a)</p> <p>c. Uma série de atos complexos relacionada à situação e orientada à função, a fim de produzir um texto alvo direcionado a receptores de outra língua/cultura, com base em um dado texto fonte (Salevsky, 1993).</p> <p>d. Qualquer enunciado que é apresentado ou dado como “tradução” dentro de uma cultura, independentemente de sua justificativa. (Toury, 1995)</p>
--	---

Comentário:

Aqui, temos uma terminologia da área dos ET, *function-oriented*, que se refere a uma das subdivisões dos estudos de tradução puros, que foi traduzida por “orientada à função”, que é como é conhecido na área¹¹, mesmo que o termo em inglês seja bastante utilizado no contexto brasileiro.

Em *grounds*, temos a escolha por traduzir como “justificativa”. Porém, à primeira vista, outra opção seria “contextos”, o que não representa a ideia do TF. Logo, após pesquisar por sinônimos da palavra em inglês, temos resultados como *reason*, *justification*, *motive*, o que levou à escolha de “justificativa”.

Trecho 6:

¹¹ https://pt.wikipedia.org/wiki/Mapa_conceitual_de_Holmes-Toury_sobre_Estudos_da_Tradu%C3%A7%C3%A3o

Definition (a) foregrounds the defining relationship between the source and target utterances and stipulates ‘sameness of meaning’ as an essential ingredient. It also introduces, albeit implicitly, human agents and attitudes in terms of ‘intentions’ and ‘expectations’. Definition (b) describes Translation as a process of ‘transfer’ acting on ‘ideas’ in the medium of ‘language’. Definition (c) introduces a number of descriptive features, such as ‘situation’, ‘function’, ‘text’ and ‘culture’, and stresses the target orientation of the translational product. The target orientation **is carried to the extreme** in definition (d), in which the theorist relinquishes any prescriptive authority and accepts as Translation whatever is treated as such in a given community.

All four definitions accommodate interpreting, but each foregrounds different conceptual dimensions. And whatever is stipulated as an essential feature of Translation (i.e. notions like transfer, ideas, sameness, intention or culture) will carry over to our definition of interpreting and will have to be accounted for in subsequent efforts at description and explanation. We are free, of course, to formulate an altogether different definition of our own, but it would seem foolish **to reinvent the wheel of Translation** in order to move on with the study of interpreting. We could certainly **mine** the various definitions of Translation for basic conceptual ingredients, such as:

- An activity consisting (mainly) in
- The production of utterances (texts) which are
- Presumed to have a similar meaning and/or effect
- As previously existing utterances
- In another language and culture.

These terms can be adapted and refined in different ways. The notion of ‘activity’, for instance, could be specified as

Definição 1) destaca a relação determinante entre os enunciados fonte e alvo e estipula a “similaridade de significados” como um elemento importante. Essa definição também introduz, mesmo que implicitamente, os agentes e as atitudes humanas em termos de ‘intenção’ e ‘expectativas”. Definição 2) descreve a Tradução como um processo de ‘transferência’ agindo sobre ‘ideias’ através da ‘língua’. Definição 3) introduz vários elementos descritivos, como a ‘situação’, ‘função’, o ‘texto’ e a ‘cultura’, e destaca a orientação alvo do produto tradutório. A orientação alvo é **levada ao extremo** na definição 3, onde o teórico abandona qualquer autoridade prescritiva e aceita como Tradução qualquer que seja a definição para tal em dada comunidade.

Todas as três definições dão espaço para a interpretação, mas cada uma delas destaca diferentes dimensões conceituais. Independentemente de qual elemento seja estipulado como essencial na Tradução (i.e. noções como transferência, ideia, similaridade, intenção ou cultura), ele será transferido para nossa definição de interpretação e precisará ser considerado em descrições e explicações a serem feitas. Claro que somos livres para formular uma definição autoral completamente diferente, mas seria inútil **reinventar a Tradução do zero** para seguir com os estudos sobre interpretação. Nós podemos **extrair** as variadas definições de Tradução a fim de obter seus elementos conceituais básicos, como por exemplo:

- uma atividade que consiste (principalmente) em
- uma produção de enunciados (textos) que
- presumidamente possuem similaridade de significado e/ou efeito
- com enunciados preexistentes
- em outra língua e cultura.

Tais termos podem ser adaptados e refinados de diversas maneiras. A noção de ‘atividade’, por exemplo, poderia ser

<p>a ‘service’, possibly qualified as ‘professional’, for the purpose of ‘enabling communication and for the benefit of ‘clients’ or ‘users’. Similarly, we could specify ‘production’ (and ‘communication’) as taking place in a given ‘situation’ and ‘culture’, and we could elaborate and differentiate such key concepts as ‘culture’, ‘language’, ‘utterance’ and ‘meaning’.</p>	<p>especificada como um ‘serviço’, possivelmente caracterizado como ‘profissional’, tendo como objetivo “permitir a comunicação” em benefício de ‘clientes’ ou ‘usuários’. De maneira similar, podemos especificar a ‘produção’ (e ‘comunicação’) como ocorrendo em um determinada ‘situação’ e ‘cultura’. Além disso, podemos elaborar e diferenciar alguns conceitos chave, como ‘cultura’, ‘língua’, ‘enunciado’ e ‘significado’.</p>
--	--

Comentário:

Nesse trecho, a primeira mudança foi usar numerais em vez de letras para a classificação das definições. O motivo para essa troca foi preferência pessoal.

Em *to reinvent the wheel of Translation*, temos uma metáfora que foi traduzida por “reinventar a Tradução do zero”; escolha que mostra a individualidade de cada língua, mas que, ao mesmo tempo, destaca que o não literal leva a resultados mais próximos da cultura alvo.

Em *mine*, decidi por traduzir como “extrair” em vez de “peneirar”, admitindo que houve uma perda do uso figurativo da palavra em inglês. Isso posto, é curioso que uma busca pelo termo “extrair” no dicionário Caldas Aulete¹², traga a seguinte acepção e exemplo:

3. Retirar, tirar [td. tda. : extrair ouro/carvão (das minas).

Nesse trecho, outro aspecto importante de sua escrita é a descrição dos subitens. Tanto no TF quanto no TA, não pode faltar paralelismo. Descrever os subitens foi complexo pois há mudança estrutural nas frases, e o uso de preposições também pode torna-lo difícil. Alguns exemplos são: o uso de pronome definido por pronome indefinido; voz ativa por voz passiva; o uso de *as* para comparação, que no original torna-se “com”.

Trecho 7:

<p>No less significant than terminological refinements, however, are the ways in which our conceptual framework reflects some key areas of theoretical controversy. These include: - the scope of the interpreter’s task (‘mainly’ production);</p>	<p>Porém não menos importante que o aperfeiçoamento da terminologia são os modos em que a estrutura conceitual reflete algumas áreas importantes de dissenso teórico. São elas: - o escopo da tarefa do intérprete (principalmente a produção);</p>
--	--

¹² <https://www.aulete.com.br/extrair>

- the perspective on the translational process (**target-oriented** ‘production rather than **source-dependent** ‘transfer’); and

- the normative specification of the translational product (the assumption of ‘similarity’ in ‘meaning’ or ‘effect’).

Whichever of these options one might wish to pursue, the definitional scaffolding set up in these terms should provide sufficient support to interpreting scholars seeking to conceptualize their object of study as a form of Translation. It should be clear, though, even – or especially – in a textbook, that any definition of one’s object of study is necessarily relative to a set of underlying theoretical assumptions. In the words of Gideon Toury (1995, p. 23):

Far from being a neutral procedure, establishing an object of study is necessarily a function of the theory in whose terms it is constituted, which is always geared to cater for certain needs. Its establishment and justification are therefore intimately connected with the questions one wishes to pose, the possible *methods* of dealing with the objects of study with an eye to those questions – and, indeed, the kind of answers which would count as admissible.

In this relativistic perspective, there can be no such thing as an objective definition fixing, once and for all, the ‘true meaning’ or ‘essence’ of what we perceive or believe something to be like. This ‘non-essentialist’, postmodern approach to meaning has been reaffirmed by leading scholars as part of the “shared ground” in Translation Studies (Chesterman and Arrojo, 2000). Its theoretical and methodological consequences will become clear in subsequent sections of this book. In the present, foundational chapter, we now return to the concept of interpreting to review ways in which it can be further distinguished with regard to various criteria.

- a perspectiva do processo tradutório (‘produção’ **orientada ao texto alvo** em vez de ‘transferência’ **condicionada ao texto fonte**);

- a especificação normativa do produto tradutório (a suposição de ‘similaridade’ de ‘sentido’ ou ‘efeito’).

Seja qual for a opção que se queira adotar, a configuração da estrutura de definições em tais termos deve fornecer suporte aos pesquisadores em interpretação que buscam conceitualizar seus objetos de estudo como uma forma de tradução. No entanto, deve-se deixar claro, mesmo – ou especialmente – em um livro didático, que qualquer definição de um objeto de estudo é necessariamente relativa a um conjunto de pressupostos teóricos. Como aponta Gideon Toury (1995, p 23):

Longe de ser um procedimento neutro, estabelecer um objeto de estudo é necessariamente uma função da teoria em cujos termos ele é constituído, que está sempre voltada a suprir certas necessidades. Sua criação e justificativa são, portanto, intimamente conectadas com i) as questões que se deseja colocar, ii) os métodos possíveis de lidar com os objetos de estudo, sem deixar de considerar essas questões, e, de fato, iii) o tipo de respostas que seriam consideradas admissíveis.

Nesta perspectiva relativista, não pode haver uma definição que determine o “sentido real” ou a “essência” como acreditamos ou percebemos que algo possua. Essa abordagem pós-moderna e “não-essencialista” do sentido vem sendo reiterada por importantes teóricos como parte do “conhecimento compartilhado” nos Estudos da Tradução (Chesterman e Arrojo, 2000). Suas consequências teóricas e metodológicas serão debatidas nas seções a seguir deste livro. Contudo, no capítulo atual, retornamos ao conceito de interpretação a fim de revisar algumas formas nas quais ele pode ser melhor explicado a partir de vários critérios.

Comentário:

“Áreas importantes” foi a escolha tradutória de “key areas”, logo foi usado um sinônimo já que o termo “áreas-chave” não é muito usado.

Aqui, temos dois problemas tradutórios que se destacam por tratar-se de terminologia (*target-oriented* e *source-dependent*). Assim como *function-oriented*, esses não possuem uma tradução convencional em português, e são bem mais citados em sua forma original. Na tradução, preferi usar opções em português, - “orientada ao texto alvo” e “condicionada ao texto fonte”, considerando a mesma lógica da tradução usada em “orientada à função”, comentada no trecho 5. Assim, mais uma vez traduzi o TA, tornando-o mais acessível para quem não conhece a língua inglesa.

Em [...] *establishing an object of study is necessarily a function of the theory in whose terms it is constituted, which is always geared to cater for certain needs [...]*, onde há muitos pronomes e referência, podemos destacar sua complexidade tradutória. Mas, no português - “estabelecer um objeto de estudo é necessariamente uma função da teoria em cujos termos **ele** é constituído, que está sempre **voltada** a suprir certas necessidades” -, a existência de gêneros definidos nas palavras em destaque facilita o entendimento da referência.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa tradução, escolhi não fazer uso de tradução automática, mas busquei por textos de referência, como artigos com terminologia, sinônimos e significados em dicionários. Após reler a tradução, optei por mudar algumas escolhas iniciais, já que, após a pesquisa por usos e sinônimos, podemos enxergar outros sentidos que, à primeira vista, não eram adequados. Essa busca e reflexão acerca das escolhas tradutórias está diretamente ligado com a subcompetência instrumental do grupo PACTE. Essa subcompetência é extremamente necessária ao tradutor, já que, na internet, a possibilidade de se fazer pesquisa é considerável. Porém, o tradutor também deve ser cuidadoso ao escolher suas fontes de pesquisa, já que nem tudo é confiável e adequado.

As escolhas de tradução propostas aqui tem por objetivo principal produzir um texto mais convencional no português. As principais mudanças foram no nível da oração e da palavra, como mudança na forma verbal (*establishing* > estabelecer); mudança de voz passiva para ativa

(*be distinguished* > diferenciar-se) ou vice-versa; transposição (*to engage in communication* > se comunicar); e mudança de unidade (*Doing so* > quando isso é feito). Se em alguns exemplos, a literalidade mostra-se adequada, sobretudo no nível das palavras, quando se abre para o nível das frases e sentenças, é difícil mantê-la. Percebi na minha tradução que é primordial mudar a estrutura das frases e sentenças para manter a naturalidade da língua alvo.

A preferência por traduzir termos para o português em vez de mantê-los em inglês também foi bastante importante. Essa escolha ajuda a embasar a proposta de tradução e aumentar o acesso ao texto em português, inclusive para aqueles que desconhecem a língua inglesa. Alguns exemplos foram: *function-oriented*, *target-oriented production*, *source-dependent transfer* e *chat*.

Discutiu-se também acerca da responsabilidade e do processo de conscientização que o tradutor ou estudante de tradução precisa ter para efetuar o importante trabalho que é traduzir. Trouxemos a visão de Azenha Jr. (1996) justamente para expor que o cuidado do tradutor em reconhecer e valorizar os aspectos que permeiam a área (teórica e prática) da tradução é necessário. Assim, a reflexão ajuda outras pessoas que se interessam pela área e faz com que a teoria se alimente da prática, tornando-a cada vez mais atualizada e adequada para com a realidade do tradutor.

A pesquisa em questão apoia-se na ideia de que tudo é traduzível, já que, como diz Sobral, “traduzir é criar na língua de chegada sentidos “co-respondentes” a sentidos da língua de partida, e não buscar equivalências entre palavras” (p. 8). Traduzir, por fim, trata-se de uma transposição de sentidos; uma criação de uma interlocução entre autor e interlocutores que não existia originalmente; instauração de sentidos transculturais, já que a relação entre língua e cultura é indiscutível; criação de discursos na língua alvo a partir de discursos na língua fonte.

O principal objetivo deste trabalho foi abrir caminhos para o profissional da Letras perceber o quanto a tradução é importante, assim como o seu papel nesse processo. Atualmente, temos o uso bastante corrente de tradução automática (TA), principalmente por aqueles que optam pela “rapidez” e “praticidade”, mesmo que a TA não ofereça um trabalho tão bom quanto o de um tradutor humano. Assim, é importante reforçar que, ainda que a TA seja, de fato, parte do trabalho do tradutor nos dias atuais, ter conhecimento de técnicas e os instrumentos de busca permanece indispensável.

Ao longo da análise, pude concluir algumas coisas. Uma delas é o fato de que a tradução literal como estratégia tradutória dificilmente funciona. Isso pode ser visto em alguns dos comentários que trago neste trabalho. Muitas vezes, a escolha pelo literal resulta em um texto incoerente. Essa “crítica” à estratégia mais conhecida pelo público leigo se dá para reconhecer

que, na maioria das vezes, o tradutor precisará ir além da literalidade, ou seja, precisará analisar seu texto utilizando-se de seu conhecimento de mundo, conhecimento técnico, a contextualização e adequação, e, como sabemos, a TA não fornece esse tipo de tradução tão completa.

Por mais que a TA ajude o tradutor a ter uma maior praticidade, a relação entre o texto e o interlocutor vai ser benéfica apenas se o tradutor entender o contexto, o objetivo e o público-alvo do texto.

O processo de criação dos comentários, ou seja, a tradução comentada em si, possibilitou com que fosse feita correções na tradução escolhendo estratégias tradutórias diferentes. Assim, posso concluir que reconhecer e trabalhar com estratégias durante o processo tradutório pode ajudar o tradutor a fazer uma observação minuciosa de seu trabalho, e também utilizar-se delas para se auto-avaliar, pois a tradução comentada põe o tradutor em segunda pessoa e faz com que perceba inadequações que não notou à primeira vista.

Por fim, gostaria de ressaltar que este trabalho, junto com o de Tórgo (2021), propõe um início para uma possível futura tradução do livro na íntegra, o que seria de grande valia para a área dos ET e dos EI, pois a tradução disponibilizaria a teoria em língua portuguesa, democratizando o conhecimento, fazendo com que mais pessoas interessadas no assunto possam compreender a discussão teórica da área¹³, como é o caso de pesquisadores em línguas de sinais, por exemplo.

¹³ O periódico da UFRGS Cadernos de Tradução dedicou dois de seus números à tradução de teoria (Traduzindo a teoria, de 2022 e Tradução na teoria e na prática: diferentes perspectivas, de 2016 (<https://seer.ufrgs.br/cadernosdetraducao>), e a revista Belas Infiéis, da UnB, está com chamada aberta para um número também dedicado à tradução de teoria (Traduzir teoria da tradução) (<https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/announcement/view/781>)

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Marcel A. A adaptação como procedimento técnico de tradução:: uma leitura descritiva do Hamlet em quadrinhos brasileiro. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/dX8dmDDFfYLwgWVWMFF6WQr/?format=html#>. Acesso em: 30 jul. 2024.
- AZENHA JR., João. Tradução Técnica, Condicionantes Culturais e os Limites da Responsabilidade do Tradutor. **Cadernos de Tradução**, [s. l.], 1996. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/307720476_Traducao_Tecnica_Condicionantes_Culturais_e_os_Limites_da_Responsabilidade_do_Tradutor. Acesso em: 10 jun. 2024.
- BRUNO GONÇALVES, Fabiano. Estudos de Tradução e Semiologia: As Contribuições de Umberto Eco. **Organon**, Porto Alegre, v. 18, n. 37, 2004. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/31175/19350>. Acesso em: 4 jun. 2024.
- CASSIAMANIDA ROSA, Renan. **Expressões idiomáticas: análise das legendas de La Casa de Papel**. 2018. 45 f. Monografia (Licenciado em Letras). Curso de Letras. Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS, 2018.
- CAVALLO, P.; REUILLARD, P. C. R. Estudos da Interpretação: tendências atuais da pesquisa brasileira. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 32, n. 1, p. 353–368, 2016. DOI: 10.14393/LL63-v32n1a2016-18. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/33199>. Acesso em: 02 jul. 2024.
- CAVALLO, Patrícia. **Reelaboração de um modelo de competência do intérprete de conferências**. Orientador: Patrícia Reuillard. 2019. Tese (Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/204527>. Acesso em: 17 jul. 2024.
- CENTRE FOR TRANSLATION STUDIES, KU LEUVEN. **Franz Pöchhacker**. 9 jul. 2024. Disponível em: https://www.arts.kuleuven.be/cetra/old-website/people/franz_pochhacker. Acesso em: 2 jun. 2024.
- CHESTERMAN, A. **Memes da tradução**. Tradução de M. Pfau (coord.); F. Costa; M. Portela; M. Santana; N. A. Borges; S. Sales. Salvador: Edufba, 2022.
- CHESTERMAN, Andrew. Translation Strategies. In: CHESTERMAN, Andrew. **Memes of Translation: The Spread of Ideas in Translation Theory**. Universidade de Helsinki: John Benjamins, 1997. cap. 4.
- HURTADO ALBIR, A. A aquisição da competência tradutória: aspectos teóricos e didáticos. In: PAGANO, A.; MAGALHÃES, C.; ALVES, F. (Org.). **Competência em tradução: cognição e discurso**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, pp. 19-57.
- LUNA RODRIGUES TORRES, Thais. **Os Estudos da Tradução e Considerações Sobre o Processo Tradutório de Fragmentos de Ulysses, de James Joyce**. 2015. 75 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2015.

Manifesto dos intérpretes do Brasil – Carta de Brasília (em: Ewandro Magalhães Jr. [2007]: **Sua majestade, o intérprete – O fascinante mundo da tradução simultânea**, São Paulo: Parábola Editorial, PP. 223-228).

NORD, C. Translating as a purposeful activity – functionalist approaches explained. Manchester: St. Jerome, 2001.

PÖCHHACKER, Franz. **Introducing Interpreting Studies**. 2. ed. Londres: Routledge, 2016. 280 p.

PYM, Anthony. **Explorando Teorias da Tradução**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

SILVA, Márcia M. Subcompetência instrumental e elaboração de material de referência. *Revista de Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v. 30, n. 1, p. 269-292, 2022. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/235275/001137130.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acessado em: 30 jul. 2024.

SOBRAL, Adail. Da Valoração Intralinguística à Transposição Tradutória: Uma Perspectiva Bakhtiniana. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/candicebfraga,+completo+editado-2-9.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2024.

TÓRGO, Marianna G. S. “**Interpretação de línguas orais e seus processos cognitivos**”: uma **tradução comentada de Introducing Interpreting Studies**. Orientador: Sandro Rodrigues da Fonseca. 2023. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras: Habilitação em Tradutor Português e Inglês: Bacharelado) - Letras UFRGS, [S. l.], 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/263821>. Acesso em: 30 jul. 2024.

TORRES, Marie-Hélène. Por que e como pesquisar a tradução comentada?. **Coleção Transletras**, Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/40930/1/2017_capliv_mhtorres.pdf. Acesso em: 9 jul. 2024.

TREVISAN, L. S. O dissenso teórico sobre os direitos do homem: uma análise comparativa das visões de Norberto Bobbio, Boaventura de Sousa Santos, Michel Villey e Robert Alexy. **Res Severa Verum Gaudium**, Porto Alegre, v. 3, n. 2, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/resseveraverumgaudium/article/view/77526>. Acesso em: 1 ago. 2024.

WILLIAMS, J.; CHESTERMAN, A. **The Map**. Reino Unido: St. Jerome, 2002.

ZAVAGLIA, A.; M. C. RENARD, C.; JANCZUR, C. A tradução comentada em contexto acadêmico: reflexões iniciais e exemplos de um gênero textual em construção. **Aletria**, Belo Horizonte, v. 25, ed. 2, p. 331-352, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18655/15507>. Acesso em: 2 jun. 2024.

Sites mais consultados

Linguee: <https://www.linguee.com/>

Cambridge Dictionary: <https://dictionary.cambridge.org/>

Oxford Languages: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>.